

**MULHER E A ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA:
AUTOGESTÃO EM UM PROCESSO DE INCUBAÇÃO NA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Ana Regina Messias¹
José Raimundo Oliveira Lima²

RESUMO

Um movimento denominado de “Economia Popular e Solidária” (EPS) começa a ser esboçado mundialmente. A EPS se baseia em iniciativas de solidariedade e cooperação entre seus membros, como forma de resistência ao mercado capitalista e na tentativa de gerar trabalho e renda para uma parcela de excluídos ou por opção para quem vislumbra outra forma de organização do trabalho, outra economia. Na EPS grupos de mulheres têm se organizado, em todo o Brasil. Este trabalho apresenta uma experiência de incubação das componentes da Cooperativa Mãos Solidárias (COPERMASOL), que produzem e comercializam alimentos em uma das cantinas do *campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA. A metodologia consiste na aplicação e análise de entrevista e questionário, e de leituras sobre referências da área.

Palavras-chave: Economia Popular e Solidária. Mulheres. Incubação. Autogestão.

1 INTRODUÇÃO

Um movimento denominado de “Economia Popular e Solidária” começa a ser esboçado, em nível mundial. Esse movimento se baseia em iniciativas de solidariedade e cooperação entre seus membros, como forma de resistência ao mercado capitalista e na tentativa de gerar trabalho e renda para uma parcela de excluídos. A economia solidária é uma forma de produzir oposta ao capitalismo, uma vez que suas iniciativas:

¹ Mestre em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Especialista em Economia e Gestão Pública e Graduada em Ciências Econômicas (URFS); Técnico Universitário – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Integrante do Grupo Miradas – CULT/UFBA e do Programa Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da UEFS (IEPS/UEFS) – armc@uefs.br/anina.messias@gmail.com

² Doutor em Educação e Contemporaneidade (2014) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestre em Gestão Integrada de Organizações (2003) pela mesma Universidade; Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Membro do Conselho Estadual de Economia Solidária do Estado da Bahia, Professor Assistente do Curso de Ciências Econômicas (UEFS) e Coordenador do Programa Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da UEFS (IEPS/UEFS) – zeraimundo@uefs.br

[...] buscam a construção de uma alternativa superior ao capitalismo, construída no dia-a-dia de trabalhadores e trabalhadoras de diversas partes do mundo que, com a teimosia de não aceitarem um destino de miséria dado como certo e inalterável, constroem sua história ensejando, nesta mesma dinâmica, a própria transformação da história.

As práticas, princípios e valores que fundamentam a economia solidária têm contribuído para a ampliação do espectro do possível através da construção de alternativas que representam formas mais justas de distribuição das riquezas nas sociedades. (SOUZA, 2011, p. 67)

Aqueles que seguem os princípios básicos da Economia Popular e Solidária (EPS) tornam possível a união entre si, privilegiando-se os ideais de solidariedade e igualdade e, dão exemplo de propriedade coletiva e de direito à liberdade do indivíduo, uma vez que a solidariedade na economia pode ser viável ao ser organizada de forma igual por aquele que se associa com o intuito de produzir, comerciar, consumir ou poupar.

A associação entre iguais, em vez do contrato entre desiguais, segundo Paul Singer (2013) é a chave da proposta da Economia Popular e Solidária.

Este autor acrescenta que:

Para que tivéssemos uma sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva. Isso significa que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar entre si em vez de competir. (SINGER, 2013, p. 9).

Numa cooperativa não há competição entre os sócios, em virtude de que não deve haver grau de hierarquia. Portanto, com o acúmulo de capital todos ganham de forma igual e, se surgem dívidas, todos participam de forma igual, buscando formas de superá-las. De acordo com Souza (2011, p. 67): “Através da cooperação, os trabalhadores buscam fortalecer sua identidade de classe e, desta forma, sustentam a luta pela realização de objetivos superiores, como igualdade de condições para uma vida digna e feliz”.

Segundo Paul Singer (2013) “[...] se a economia fosse solidária, a sociedade seria muito menos desigual”, ou seja, havendo pessoas na miséria, a população ajudaria e o Estado poderia adotar mecanismos de redistribuição solidária de renda, uma vez que a sociedade é dividida em duas classes pelo capitalismo: 1) a proprietária do capital; 2)

a que ganha a vida com a venda de sua força de trabalho; como resultado tem-se a competição e a desigualdade.

No processo de construção da Economia Popular e Solidária, grupos de mulheres têm se organizado em todo o Brasil. É neste contexto que, com este trabalho, objetiva-se, apresentar o processo de incubação de um grupo de mulheres que compõe a Cooperativa Mãos Solidárias (COOPERMASOL), com domicílio no bairro Queimadinha, localizado no município de Feira de Santana-Bahia. Essas mulheres produzem e comercializam alimentos em uma das cantinas (Módulo 7) do *campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana-Bahia, cuja organização se dá sob os princípios da autogestão, solidariedade, ação econômica e cooperação.

O processo de incubação em estudo, realizado no município de Feira de Santana se justifica, uma vez que é um dos que mais cresce economicamente; atualmente é a quarta economia do Estado, tornando-se um centro de atração de investimentos de mega corporações, de produção de riquezas industrializadas e de alta produtividade econômica com garantia de lucratividade acima das médias regionais e nacionais, registrando crescimento médio 7,2% entre os anos de 2002 a 2009.

Esse crescimento, porém não é usufruído por uma parcela significativa da população com baixa qualificação profissional, particularmente, da faixa etária ingressante no processo produtivo, pessoas com idade avançada, além de analfabetos e semialfabetizados que são obrigados, por não restar outra opção, a participarem das Feiras Livres espalhadas por toda parte da Cidade. Essa parcela da população permanece, por longos períodos, às margens do crescimento e desenvolvimento econômicos, reproduzindo-se a revelia dos benefícios governamentais e mercadológicos que uma economia dessa natureza poderia proporcionar.

E, como Feira de Santana carece de programas e iniciativas que busquem não somente o crescimento econômico, mas também a consolidação de oportunidades que possibilitem a inserção socioprodutiva desses grupos marginalizados surgiu o Projeto Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da UEFS, consolidado por meio da resolução CONSEPE 150/2010; o qual, em sua Carta de Princípios:

Constitui-se em um programa interdisciplinar de caráter permanente, desenvolvido por servidores, docentes e técnicos administrativos, e discentes da

UEFS, com possibilidade de participação da comunidade externa, por meio de projetos de extensão e ou pesquisa e outras atividades de caráter continuado junto à comunidade externa, no âmbito da economia popular e solidária.

A IEPS-UEFS deve trilhar um caminho de diálogo potencializador da resistência e de experiências voltadas à consolidação de um novo modo de produção e organização do trabalho e da sociedade, dando ênfase à mobilização e fortalecimento das organizações sociais que trabalham de modo coletivo, cooperativo, associativo e autogestionário considerando a economia popular e solidária enquanto movimento de economia política dos setores populares.

No ano de 2008 foi iniciado o processo de incubação, tratado neste artigo, após a realização de cursos, reuniões e entendimentos diversos com as mulheres da COPERMASOL. As atividades econômicas solidárias foram iniciadas em 2012 com a inserção do grupo no espaço da Cantina do Módulo VII da UEFS. Espaço conquistado pelo seguimento de economia popular junto à Administração Central da UEFS, utilizado por dois anos, com término em dezembro de 2014.

A Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da UEFS implementou, no espaço de alimentação Cantina do Módulo VII, a partir de 2012, um projeto de Incubação de Iniciativas Econômicas Populares Solidárias que trabalha com alimentação, especialmente, lanches, a maioria deles com produtos da culinária regional como: cuscuz, mingau de tapioca, bolo de aipim, beiju.

Esses alimentos são comercializados entre o público interno da comunidade universitária, ou seja, professores, funcionários e estudantes, os quais apreciam o consumo consciente de produtos e serviços da Economia Popular e Solidária e possibilitam potencializar um espaço integrado de aprendizagem na perspectiva do trabalho coletivo, cooperação, solidariedade, com vistas a um desenvolvimento de ações de capacitação profissional, empoderamento dos sujeitos, inserção socioproductiva e promoção da cidadania aos participantes de iniciativas municipais de Economia Popular e Solidária no âmbito da comunidade universitária.

Para alcançar o objetivo proposto, a metodologia utilizada neste trabalho consiste na aplicação e análise de entrevista às mulheres que participam do processo de incubação e questionário aos clientes da Cantina, como também leituras sobre referências da área, de autores como Paul Singer, José Carlos Moraes Souza, Cecilia Bernardi e Rosângela Angelin, Luís Corrêa, Isabele Guérin, Miriam Nobre, entre

outros, discutidas no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Economia Popular e Solidária e Desenvolvimento Local (GEPOSDEL).

2 A MULHER E A ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

Historicamente, obrigações familiares, muitas vezes despercebidas, estão sob a responsabilidade das mulheres e os homens são os provedores da família. Nesse contexto, mulheres renunciem a um trabalho formal para cuidar da família, uma vez que empresas e poder público, ainda, são coniventes com esta composição social e econômica.

Com o intuito de ocupar espaços que nem o modo de produção capitalista, nem o mercado e nem o poder público solucionam, como: o desemprego, a exclusão social, econômica e política, a insegurança alimentar, o acesso à educação e saúde etc. (GUÉRIN, 2003), surge a Economia Popular e Solidária.

Teodósio e Mundim (2011, p. 280) dizem que:

Enquanto um campo em desenvolvimento, a EPS, além de estar ligada à construção de uma sociedade mais democrática e justa, poderia defender uma concepção de trabalho que potencializasse as capacidades dos indivíduos como seres conscientes, livres e socialmente inseridos em dinâmicas de vida coletiva e solidária. Além disso, a EPS vem se mostrando como um meio importante para o processo de sociabilidade, no sentido de criar um espaço para a interação democrática e equitativa, marcada pelo diálogo e pelos processos emancipatórios e criativos.

Segundo Paul Singer (2004, p. 47), a EPS “é uma forma democrática e igualitária de organização de diferentes atividades econômicas”, ou seja, é uma forma de organização econômica que abraça os valores da democracia no contexto econômico e tem como base o trabalho coletivo, a igualdade entre os membros, a divisão do poder de decisão, direitos iguais diante de decisões, fidelidade na representatividade do grupo, e tendo como elementos centrais a igualdade e a democracia (SINGER, 2004).

A EPS se apresenta como uma possibilidade para que as diferenças de gênero sejam superadas, por se tratar de uma organização que preza a solidariedade e cooperação entre seus membros. Portanto, as mulheres podem fazer valer seus direitos,

juntas e/ou com os homens podem se engajar e superar desigualdades sociais, transformando-as em direitos reais.

Em relação às questões de gênero,

Outro desafio importante do Movimento da Economia Popular Solidária, é debater e proporcionar a mudança cultural não só nas relações de trabalho, mas também partilhar entre mulheres e homens as necessidades do cuidado com o outro [...]. (BERNADI; ANGELIN, 2007, s.p.).

O sentido do termo solidariedade, segundo Corrêa (2001, p. 1):

[...] não se mescla ao paternalismo, caridade ou filantropia, mas sim ao comprometimento do trabalho coletivo, cooperativo, comunitário, comprometimento este que perpassa por uma nova ética nas relações humanas, nova ética nas relações laborais, econômicas e comerciais.

A mulher que faz parte da EPS percebe o sentido do termo solidariedade como comprometimento do trabalho coletivo, cooperativo, comunitário, demonstrado pelas mulheres do processo de incubação desta pesquisa, sem confundi-lo com termos como: paternalismo, caridade ou filantropia.

A EPS contribui para aliviar o cotidiano dessas mulheres, pois elas articulam a vida familiar com a profissional, uma vez que ao atuar no trabalho solidário, têm espaço de discussão para apresentar reclamações/reivindicações e pressionar autoridades públicas para a criação de políticas públicas de gênero, podendo assim contribuir para mudanças sociais e institucionais favoráveis para elas, como acesso ao crédito e emancipação financeira.

3 INCUBAÇÃO: PONDERAÇÕES E RESULTADOS

Durante o processo de incubação buscou-se analisar os resultados alcançados com base na maneira como a Economia Popular e Solidária pode influenciar, modificar e gerar melhorias na vida daquele grupo de 12 (doze) mulheres que compõe COOPERMASOL.

Segundo Dagnino e Fonseca (2007, p. 20):

As incubadoras devem passar a atuar também como agentes de desenvolvimento local. Este entendido como um processo que mobiliza pessoas e instituições, buscando a transformação da economia e sociedades locais e criando oportunidades de trabalho e renda.

Isso se dá com a incubação tratada neste estudo, pois o grupo de mulheres demonstra o efeito positivo obtido na atuação na EPS. E, por meio das entrevistas realizadas pela equipe da IEPS com as mulheres da COOPERMASOL, é possível perceber o quanto a incubação deu resultado e o quanto está sendo benéfica para a vida de cada uma delas.

Cabe, portanto, apresentar respostas apresentadas a perguntas que lhes foram feitas.

O que é uma cooperativa, para você? Em que ela se diferencia das empresas comuns? Foi uma das perguntas feitas às cooperadas. Eis umas das respostas:

- Cooperativa o que eu acho é assim: é um grupo que trabalha né, um ajudando aos outros, pra poder a gente ali ter um lucro.
- É um lugar onde não há patrão e nem empregados.
- Cooperativa é um grupo né, de pessoas que trabalha pra si. E a empresa é diferente.
- É um grupo de pessoas onde todo mundo tem a chance de ganhar financeiramente junto não é sem ter patrão sem ter ordens. É um grupo de pessoas que busca melhorias pra suas vidas e diferencia é que a gente não tem patrão cada um pensa de uma forma e sempre nas reuniões tenta ter uma conclusão né onde faça a satisfação de todos.

Essas respostas demonstram que as cooperadas compreendem a autogestão “como a propriedade coletiva dos meios de produção e sua administração democrática, com a participação por igual de todos os que trabalham no empreendimento, cada pessoa tendo direito a um voto na tomada de decisões” (SOUZA, 2011, p. 67).

À pergunta: Você considera que a COOPERMASOL “está dando certo”, o que você acha que terá de acontecer? A entrevistada respondeu:

Acho que tá dando certo, só acho que H mais A elas tão precisando de ajuda em relação quando vai fazer o fechamento, quando vai fazer a divisão, não exatamente quando faz a divisão, quando vai as compras precisa ter uma aula

pra saber o que deve comprar mais o que deve comprar menos, porque a intenção da gente trabalhar na cantina não é comprar mais do que ganhar. [...] assim pra comprar então elas tão precisando de ajuda do pessoal da incubadora do pessoal da economia.

Percebe-se a preocupação da entrevistada com formas de orientação por parte da equipe da IEPS; orientações essas normalmente fornecidas por meio de cursos e oficinas, que as qualifica quanto às suas necessidades, como exemplo o que foi citado: fechamento das contas. Para atendê-las a Incubadora designou um dos bolsistas, graduando do curso de Ciências Contábeis, o qual preparou as mulheres que cuidam da parte contábil.

À mesma pergunta, outra entrevistada respondeu: “Considero sim. O que eu acho que deverá de acontecer é que possamos evoluir para uma coisa maior”. Essa resposta nos apresenta a perspectiva que há entre as cooperadas de, após a incubação, partirem para uma atividade aonde poderão desenvolver outra atividade de EPS, de maior proporção.

Quanto à pergunta: Quais os pontos positivos da COOPERMASOL até agora, na sua opinião? Algumas entrevistadas responderam:

- São vários como tipo assim ponto positivo é o laço de amizade que a gente tem e força que um dá ao outro os momentos ruins nos momentos bons, acredito que seja isso.

- Amizades.

- Eu acredito que assim em termo de grupo é o desejo de trabalhar e vencer juntos é alcançar o objetivo de cada uma. As pessoas conhecerem nosso trabalho conhecer quem somos né o que cada uma é capaz de fazer.

- Que o trabalho em grupo vem crescendo adquirimos muitas experiências durante esse tempo né acho que agora todo mundo hoje a maioria tá preparada pra poder encarar algo de novo lá fora, novas amizades também né.

Com essas respostas é possível observar que não há entre as cooperadas uma preocupação apenas com a questão econômica, mas também com a amizade. Assim, pautam o relacionamento na solidariedade, demonstrando o dito por Souza (2011): “A Cooperação que se fundamenta no reconhecimento mútuo, no respeito e da

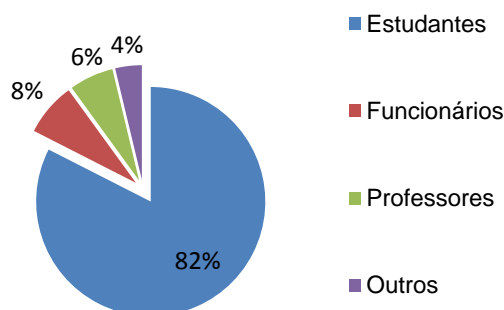
reciprocidade não pode ser confundida ou reduzida a ações combinadas para realização de objetivos da esfera apenas econômica”.

Com os clientes da Cantina foi realizada uma pesquisa de satisfação por meio da aplicação de um questionário, contendo 13 perguntas objetivas e uma pergunta aberta (subjetiva), totalizando 14 perguntas, para avaliar qual o nível de aceitação da comunidade acadêmica em relação à Cantina Solidária do Módulo VII e por consequência o trabalho de incubação nela desenvolvido.

O questionário foi aplicado nos turnos matutino, vespertino e noturno, para 80 (oitenta) pessoas. Chegou-se ao resultado que confirma a significância da amostra, já que se trata de uma comunidade de consumidores de aproximadamente 600 (seiscentas) pessoas semanais, o que resulta numa taxa de aproveitamento de aproximadamente 13% (RELATÓRIO..., 2015).

De acordo com o Relatório do Processo de Incubação do Projeto Cantina Solidária I (Módulo VII) – Período 2013/2015 (2015), observa-se no Gráfico 1, que os estudantes são o maior público consumidor da cantina solidária, com o total de 66 estudantes para os 80 questionários aplicados, o que em percentual corresponde a 82,5%, seguido de funcionários com 7,5%, professores, com 6,5% e Outros (visitantes) com 3,5%.

Gráfico 1 – Distribuição dos frequentadores segundo ocupação

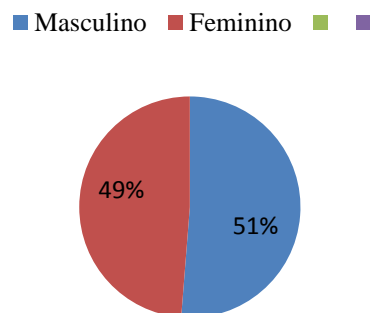


Fonte: Pesquisa IEPS/UEFS (2015).

Na distribuição por gênero dos frequentadores da Cantina, predomina o gênero feminino, onde se obteve o número de 41 questionários respondidos pelo sexo feminino

(52%, aproximadamente) e 39 (48%, aproximadamente) pelo masculino, conforme Gráfico 2, abaixo.

Gráfico 2 – Distribuição dos frequentadores segundo sexo



Fonte: Pesquisa IEPS/UEFS (2015).

Os clientes que procuram a cantina onde atuam as mulheres da COOPERMASOL percebem que os produtos comercializados na Economia Popular Solidária têm um diferencial pelo fato de agregarem um valor próprio, originários de sua forma de produção, cujos mecanismos se distanciariam do sistema capitalista, que exalta apenas o lucro em detrimento dos indivíduos envolvidos na produção (WELLEN, 2008).

Fato esse comprovado por meio das respostas dadas às questões que lhes foram apresentadas. A saber:

À questão, por que consome nessa cantina? Alguns clientes responderam:

- Os preços são melhores;
- Para apoiar a iniciativa popular e solidária;
- Por gostar dos produtos oferecidos.

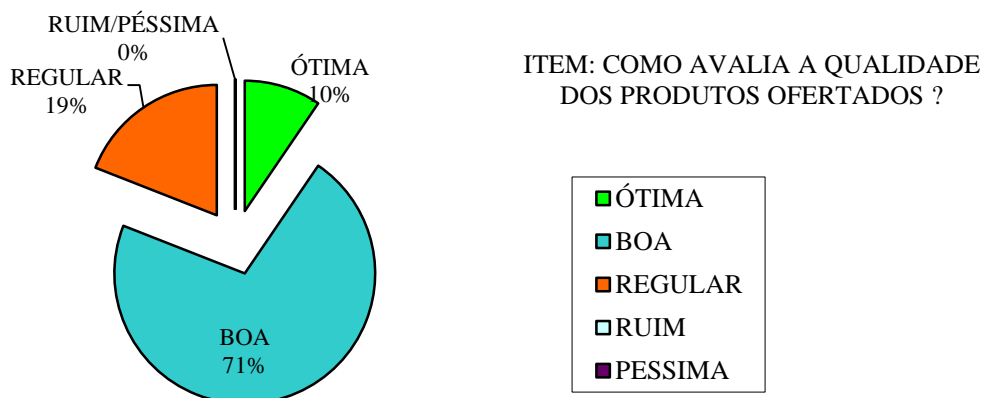
À questão, Alguma sugestão, elogio ou reclamação, houve respostas como:

- A cantina é muito boa;
- Parabenizar pela iniciativa;
- As pessoas são muito gentis.

À questão, Quais os produtos que mais consome? Os clientes consultados disseram serem os produtos da culinária regional como: cuscuz, mingau de tapioca, bolo de aipim, acarajé.

Os clientes demonstram durante o dia a dia, ao frequentarem a cantina, observando-se as respostas dadas às questões que lhes foram apresentadas que, “[...] a idéia de que uma alimentação saudável deve ser estimulada [...]” (BRASIL, 2006, p. 16) e fizeram elogios à qualidade dos produtos, os quais, na maioria foram considerados bons, conforme Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 3 – Qualidade dos produtos ofertados pela cantina



Fonte: Pesquisa IEPS/UEFS (2015).

Os dados apontados pelos clientes levam-nos a concordar que:

O ato de comer é influenciado por diversos fatores como os valores culturais, sociais, afetivos e sensoriais.

Dessa forma, as pessoas, diferentemente dos animais, ao se alimentarem, não buscam exclusivamente preencher suas necessidades de energia e nutrientes, mas querem alimentos com cheiro, sabor, cor e textura. (BRASIL, 2009, p. 16).

Apesar das oficinas realizadas, observa-se a necessidade de maior orientação ao grupo, quanto ao atendimento, conforme respostas dadas pelos entrevistados:

- Poderia ter mais pessoas atendendo, principalmente quando a demanda é maior;
- Melhorar o atendimento;

- A questão do atendimento é demorado em relação as outras cantinas, precisa muitas vezes chamar a atendente.

Assim, com a aplicação e análise das questões aplicadas às mulheres da COOPERMASOL por meio da entrevista e aos clientes por meio do questionário, e com embasamento nas leituras realizadas nesta pesquisa sobre a Economia Popular e Solidária, pôde-se perceber o desafio de transformar as relações interpessoais e de gênero, como também buscar mudanças estruturais na sociedade, na economia e na cultura (NOBRE, 2003).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber – por meio das reuniões realizadas e após analisar as respostas dadas às entrevistas e ao questionário – o quanto o processo de incubação está dando bom resultado para o grupo de mulheres que fazem parte deste estudo, as quais atuam na cantina por meio da economia popular e solidária e estão ligadas à construção de uma sociedade mais democrática e justa, agindo como seres conscientes, livres e socialmente inseridos em dinâmicas de vida.

Cabe ressaltar que, quanto ao atendimento, é necessário melhorar.

É perceptível, também, a satisfação da comunidade universitária com o funcionamento da cantina, principalmente pelo trabalho diferenciado, inclusive por serem oferecidos produtos típicos da região, preparados no próprio espaço.

Percebe-se, ainda, que a incubadora atua como agente de desenvolvimento local, ao mobilizar o grupo de mulheres incubado, buscando a transformação da economia ao criarem oportunidade de trabalho e renda e ao articular-se a outras iniciativas em rede.

Pode-se concluir que a satisfação da clientela demonstra, não só às mulheres responsáveis pela cantina, à equipe da Incubadora, mas também à administração da UEFS, o êxito e que é viável a aplicação, em outras cantinas, do mesmo tipo de serviço, ou seja, que o funcionamento se dê por meio da Economia Popular e Solidária, isto é, sob os princípios da autogestão, solidariedade, ação econômica e cooperação. E, ainda, particularmente à equipe responsável pela incubação que, algumas dessas mulheres já estão preparadas para atuarem no mercado de Feira de Santana.

REFERÊNCIAS

BERNADI, C; ANGELIN, R. Mulheres na Economia Popular Solidária: desafios para a emancipação feminina e igualdade de gênero. **Revista Espaço Acadêmico**, Santa Rosa, n. 70, março, 2007. Disponível em:
<http://www.espacoacademico.com.br/070/70esp_angelin.htm>. Acesso em: 8 ago. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Mo692 Módulo 10: Alimentação e nutrição no Brasil I.** / Maria de Lourdes Carlos Rodrigues...[et al.]. – Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

CORRÊA, L. O. R. **Economia popular, solidária e autogestão:** o papel da educação de adultos neste novo cenário, 2001. Disponível em: <<http://www.milênio.com.br>>. Acesso em: 18 set. 2014.

DAGNINO, R.; FONSECA, R. Economia solidária, incubadoras universitárias, cooperativas e tecnologia: uma definição de papéis. **Revista Trimestral de Debate da FASE**, Rio de Janeiro, 31 (112), 16-24, abr. 2007.

GUÉRIN, I. Sociologia Econômica e Relações de Gênero. In: **Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres:** Desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2003. p.55-63.

NOBRE, M. A Produção do Viver. **Cadernos Sempreviva Organização Feminista - SOF.** São Paulo, 2003.

RELATÓRIO do Processo de Incubação do Projeto Cantina Solidária I (Módulo VII) – Período 2013/2015. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, abr. 2015.

SINGER, P. Economia Solidária: possibilidades e desafios. **Revista Proposta.** Rio de Janeiro: FASE, 2004. Disponível em:
<http://www.fase.org.br/projetos/vitrine/admin/Upload/1/File/Proposta88_89/singer8889.PDF>. Acesso em: 9 ago. 2014.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego:** diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, J.C.M. Economia solidária e desenvolvimento. **Economia sustentável.** Salvador: SETRE, 2011.

TEODÓSIO, A. S. S.; MUNDIM, F. L. C. Relações de gênero e economia popular solidária: análise de um caso em um assentamento rural. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional.** 10 (2), 278-296, abr. 2011.